

DIÁRIOS DE NATUREZA: TESSITURAS SOBRE A PRÁTICA DE REGISTRAR COM MÚLTIPLAS LINGUAGENS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PROFESSORAS

NATURE JOURNALS: TEXTURES ON THE PRACTICE OF RECORDING WITH MULTIPLE LANGUAGES IN TEACHER TRAINING

José Firmino de Oliveira Neto

Doutor em Educação em Ciências e Matemática

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9450281471017580>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0782-2149>

E-mail: josefirmino@ufg.br

Raquel Pereira Soares

Doutora em Educação

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0029840689018201>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8178-203X>

E-mail: raquel.pereira@ufg.br

Resumo: Este ensaio objetiva (re)pensar a prática de escrever-criar Diários de Natureza na disciplina “Criança e natureza: viver e aprender em espaços externos”, do curso de Especialização em “Práticas Pedagógicas na Educação Básica”, da Universidade Federal de Goiás, Câmpus Goiás, enquanto um movimento que possibilita a formação técnica, estética, ética e política e ambiental de professores-professoras. Empregamos uma pesquisa qualitativa, mediante um estudo de caso. Para tal, realizamos uma análise de conteúdo descritiva que permitiu apreender como os professores e as professoras se relacionam com a natureza. O corpus de análise compreendeu 30 Diários de Natureza, produzidos em 2024, entre o experimentado em discussões teórico-práticas, ateliês de criação e vivências do cotidiano. Os Diários de Natureza constituíram registros potentes sobre a trajetória pessoal e formativa dos professores e das professoras, permitindo a esses escrever, desenhar, colar, fotografar e captar a natureza a partir de diferentes linguagens em um movimento de criação e interação com o meio.

Palavras-chave: Formação de Professores(as). Pós-graduação lato sensu. Diários de Natureza. Escrita. Múltiplas Linguagens.

Abstract: This essay aims to reflect on the practice of writing and creating Nature Diaries in the discipline “Children and nature: living and learning in outdoor spaces”, part of the Specialization course in “Pedagogical Practices in Basic Education”, at the Federal University of Goiás, Goiás Campus, as a movement that enables the technical, aesthetic, ethical, political and environmental training of teachers. We used qualitative research, through a case study. To this end, we carried out a descriptive content analysis that allowed us to understand how teachers relate to nature. The corpus of analysis comprised 30 Nature Diaries, produced in 2024, among those experienced in theoretical-practical discussions, creative workshops and everyday experiences. The Nature Diaries constituted powerful records of the personal and formative trajectory of the teachers, allowing them to write, draw, paste, photograph and capture nature using different languages in a movement of creation and interaction with the environment.

Keywords: Teacher Training. Postgraduate studies. Nature Journals. Writing. Multiple Languages.

*“Cada coisa pode florescer.
É uma questão de condições, em parte interna, muito de
contexto. E de olhares: aqueles que escolhemos ter sobre
as coisas e sobre o mundo. O olhar não basta (e querer
não é necessariamente poder), mas pode contribuir para
transformar o que sabemos aproveitar e até mesmo apreciar
de uma situação.
Aos olhares que sabem ver (e fazer) florescer”
(Guerra, 2024, s. p.).*

Introdução

O livro “Tempo de colher flores”, de André Zamboni (2023) aborda o impacto da perda do filho para uma mãe e ainda seu processo de luto, decorrente do rompimento de uma barragem de rejeitos de mineração. Em muito, essa história nos parece comum, afinal logo recordamos dos desastres-crimes de rompimentos das barragens de rejeitos de mineração em Mariana (MG) e Brumadinho (MG), reforçando a importância de um movimento de diálogo sobre as questões ambientais e de justiça ambiental na sociedade brasileira e, consequentemente, no *tempoespaço* da Educação e da formação de professores-professoras.

Segundo o relatório “Saúde, água, energia, ambiente e trabalho: tecendo saberes na promoção de territórios sustentáveis e saudáveis”, publicado pela Fundação Oswaldo Cruz no ano de 2024, nos últimos 80 anos cerca de 4 milhões de pessoas no Brasil foram atingidas por construções e/ou rompimentos-crimes de barragens¹. Nessa linha, Siqueira, Raposo e Freitas (2024, p. 811) apontam que a temática da mineração tem sido recorrente na produção sobre Educação Ambiental. E ainda, que “trata-se de um desafio socioambiental a ser superado, ao considerarmos os impactos e os conflitos advindos desse empreendimento, que se pauta na extração danosa de recursos naturais”.

Ampliando o histórico de desastres-crimes ambientais no território brasileiro, que em muito impactaram pela destruição da fauna, da flora e das vidas humanas ceifadas, podemos citar como exemplo, o incêndio da Vila Socó, em São Paulo, em 1984; a contaminação de Césio 137, em Goiânia, em 1987; o vazamento de óleo na Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro, em 2000; o vazamento da barragem em Cataguases, Minas Gerais, em 2003; os deslizamentos de terra na região serrana do Rio de Janeiro, em 2011, dentre tantos outros. Casos esses que ganharam a mídia e a comoção social inicialmente, mas que logo foram esquecidos pela grande massa, deixando seus atingidos, direta e indiretamente, sozinhos na luta por seus direitos.

Dado esse quadro, defendemos neste texto a urgência por uma identidade docente que se (re)construa nos territórios institucionais de formação de professores-professoras, públicos e privados, e ainda nos movimentos de profissionalização e trabalho docente, a partir de quatro dimensões de competência. Para Rios (2010, p. 93), a competência configura “uma totalidade que abriga em seu interior uma pluralidade de propriedades, um conjunto de qualidades de caráter positivo, fundadas em um bem comum, na realização dos direitos do coletivo”, sendo que a autora aborda três dimensões: a) técnica; b) estética e c) ética e política, na configuração do professor-professora. E acrescentamos aqui, uma dimensão ambiental, que permita aos sujeitos da docência em formação, e em exercício profissional, (re)pensarem a relação humanidade-natureza², de modo que consigam apreender crítico-reflexivamente as relações sociais, econômicas, políticas e éticas que permeiam ser-estar no mundo com a natureza. E ainda, reforçando a ideia de que somos natureza e permitindo “à participação dos cidadãos nas discussões e decisões sobre a questão ambiental” (Reigota, 1995).

Aludimos uma (re)formação de professores-professoras que se constitua engajada político-

1 “Entre os anos de 1986 e 2019, o Brasil registrou 19 desastres envolvendo barragens com mais de 340 pessoas que foram a óbito” (FIOCRUZ, 2024, p. 23).

2 Ao empregarmos o termo humanidade nesse exercício de reflexão dizemos no universo das instituições escolares de crianças e professores-professoras.

socialmente. E assim, proporcione diálogos efetivos sobre questões sociais amplas, dentre elas as questões ambientais, que desde a publicação do livro “Primavera Silenciosa”, escrito pela bióloga norte-americana Rachel Carson (2010), em 1962, tem sido pauta de grandes reflexões na busca por caminhos, ontem e hoje, que nos permitam uma vida sustentável, ou seja, que consiga gerar o menor impacto ambiental.

Para tal, torna-se necessário uma virada epistemológica nos territórios de formação de professores-professoras que permitam à luz da epistemologia da práxis (Magalhães; Souza, 2018; Magalhães, 2019; Silva, 2019; Oliveira-Neto, 2020), mobilizar uma docência que se fundamenta na exploração (relação teoria-prática) para (re)elaboração de conceitos e/ou fenômenos da prática educativa. Como considera Barbosa e Horn (2008, p. 37) para as crianças e aqui estendemos para adultos - professores-professoras, as

“[...] experiências e vivências complexas que justamente instiguem sua curiosidade. Nessas situações, é importante ressignificar as diferentes formas de interpretar, representar e simbolizar tais vivências [...]”. Permitindo, como disposto na epígrafe de Mônica Guerra (2014, s. p.), “[...] olhares que sabem ver (e fazer) florescer”.

Nessa perspectiva, novas movimentações teórico-práticas que permitam aos professores e as professoras contato com a natureza e a realização de discussões aprofundadas e fundamentadas sobre as questões ambientais configura-se como condição. E para sistematização dessas jornadas formativas apontamos o trabalho com diferentes instrumentais de registro como instância que permite evidenciar as marcas das experiências compartilhadas (Warchauer, 2017), posto que dão “[...] concretude ao pensamento, dando condições assim de voltar ao passado, enquanto se está construindo a marca do presente”.

Dado o exposto, questionamos: Como o movimento de observação cuidadosa e atenta das trajetórias de vida-formação permeadas com a natureza podem oportunizar a professores-professoras (re)existir na docência a partir de uma dimensão ambiental? E ainda, como a trajetória de registro com múltiplas linguagens, mediante as experiências do vivido, no formato de Diário da Natureza, poderiam (re)acender o imaginário, o lúdico e a expressão de professores-professoras no cotidiano crianças, jovens e adultos? Assim, objetivamos neste texto (re)pensar a prática de escrever-criar diários de natureza no *tempoespaço* da Pós-Graduação *lato sensu*, especificamente na disciplina “Criança e natureza: viver e aprender em espaços externos”, do curso de Especialização em “Práticas Pedagógicas na Educação Básica” (EPPEB), ofertado pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Câmpus Goiás, enquanto uma prática que possibilita a formação técnica, estética, ética e política e ambiental de professores-professoras.

Quanto ao percurso metodológico empregamos uma pesquisa de natureza qualitativa (Oliveira, 2012), mediante um estudo de caso (André, 2005). O contexto investigado consistiu na disciplina de “Criança e natureza: viver e aprender em espaços externos” e o *corpus* de análise compreendeu 30 Diários de Natureza (re)construídos pelos professores-professoras matriculados no curso, no ano de 2024, entre o experimentado na disciplina em discussões teórico-práticas e ateliês de criação com elementos da natureza, e as vivências do cotidiano. Para tal, realizamos uma Análise de Conteúdo Descritiva que permitiu apreender como os professores-professoras matriculados na disciplina se relacionam com a natureza em seu cotidiano, de modo a evidenciar o ideário pedagógico e ambiental desses sujeitos, através de fragmentos que compõem a materialidade investigada.

Na Pós-graduação *Lato Sensu*, Uma Disciplina sobre Crianças e a Natureza: Vivificando uma Prática de Registro e Criação na Formação de Professores(as)

O curso de Pós-Graduação *lato sensu* em “Práticas Pedagógicas na Educação Básica”, ofertado pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Câmpus Goiás, tem como objetivo “contribuir para a formação de professores e demais agentes que atuam na Educação Básica com foco no desenvolvimento e aprimoramento das práticas pedagógicas por eles desenvolvidos” (Cidade de Goiás, 2023, p. 06). Nesse sentido, alinhada a formação de professores-professoras à luz da

epistemologia da práxis, apresenta um conjunto de componentes curriculares que

[...] contemplam reflexões atuais no campo da prática educativa na Educação Básica, a citar as relações étnico-raciais; diversidade; relação homem-natureza; educação especial na perspectiva inclusiva e temáticas outras. Reafirmamos a natureza complexa da docência, bem como suas especificidades, na proposição dos campos disciplinares assumidos, e ainda na (re)construção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) a ser realizado, de forma a concebermos a formação de professores-professoras da Educação Básica como um processo formativo ampliado que em sua tessitura cotidiana (re)configura identidades (Cidade de Goiás, 2023, p. 05).

E dentre essas reflexões, apreendemos a disciplina de “Criança e natureza: viver e aprender em espaços externos” que se dedica a (re)pensar a relação humanidade-natureza no *tempoespaço* das instituições escolares. Nesse movimento, realizar incursões crítico-reflexivas que reiterem pedagogias ecológicas, populares e libertárias; jardim, pátio e outros quintais: a importância atribuída ao espaço ao ar livre na escola; e ainda, a construção de espaços para brincadeiras ao ar livre e os pressupostos da práxis ecológica na Educação Básica.

A disciplina fundamentada em uma concepção de educação crítico-emancipadora, com vistas a indissociabilidade entre teoria-prática, ocorreu mediante rodas de leitura e reflexão; elaboração de sínteses e processos de exploração do mundo natural (Ateliês de criação). Dessa maneira, a relação humanidade-natureza no *tempoespaço* das instituições escolares foi problematizada, com vista, a superação do transtorno do déficit de natureza (Louv, 2018), em detrimento do resgate de uma didática do maravilhamento (Nigris, 2014)³ que não criminaliza o brincar na natureza.

Para tal, mobilizamos com os professores-professoras em formação uma prática de registro que lhes permitisse retornar o olhar para a natureza: “exercícios de olhar para encontrar o mundo” (Guerra, 2024). Assim, professores-professoras enquanto exploradores(as) no cotidiano de vida-formação do mundo natural.

Acerca dos exploradores consideramos com Guerra (2024, s. p.) que

Muitos associam os exploradores a intrépidos viajantes sempre em movimento, pessoas que - para dizer com as palavras tão queridas de Haskell - endossam “as botas de sete léguas para cobrir longas distâncias em um inteiro continente”, talvez sem descobrir quase nada. Ao lado desta imagem, porém, existem muitas outras, todas fazem parte daquele caleidoscópio de declinações que constituem as possibilidades de explorar. Entre estas, uma me é particularmente querida. Parece o oposto da primeira, mas isto não significa que permita menos pesquisas, descobertas e conhecimento. É uma imagem aparentemente mais estática, feita de escuta e observação. Igualmente exige empenho, embora de forma diversa, requer atenção e cuidado. Quando se exercita esse tipo de exploração pode acontecer de aprender algo que está fora e dentro de nós. Por isso que é um modo de explorar que amo e respeito: porque é somente aparentemente imóvel. No seu estar, ensina que fazer uma parada deve ser acolhido e respeitado,

3 Para Nigris (2014, p. 149) a Didática da Maravilha configura-se como “uma didática “sem pagamentos”, que permita às crianças aprenderem a partir de seus erros, elaborarem respostas e estratégias diferentes daquelas previstas pelos adultos/professores e que as encorajem a desmentir as hipóteses, mais que verificá-las - mesmo porque na realidade e na ciência nem sempre se verificam as hipóteses consideradas provadas. Uma didática que leve em consideração aqueles imprevistos esperados que dão forma a percursos didáticos realmente formativos; uma didática que põe dúvidas e suscita perguntas mais que incita a responder a questões distantes para as crianças, até mesmo irrelevantes e incompreensíveis”.

pois tem muito a mostrar. Parar-se, então, é um outro modo de explorar.

Olhar com o corpo todo e aferir - sem métricas, as marcas que ousam ficar da nossa vivência cotidiana com elementos do mundo natural. Enquanto materialidade que concretiza as observações aludimos a (re)construção de um Diário de Natureza a partir de Louv (2018) que ao propor um conjunto de atividades para que crianças e famílias se (re)alinhem com a natureza também considera essa possibilidade, afirmando que:

Existem bons guias sobre diários da natureza para ajudar crianças, adolescentes e famílias a registrarem suas descobertas ao ar livre em palavras, desenhos e fotografias. Uma boa inspiração para isso são as anotações do artista plástico paulista Rubens Matuck, que produziu mais de 80 cadernos durante suas viagens para observar a natureza brasileira. Ele escolheu algumas passagens e as publicou no livro *Cadernos de Viagem*, publicado pela Editora Terceiro Nome, que contém textos, desenhos e aquarelas.

Nessa perspectiva, citamos ainda os registros mobilizados pelas professoras na pesquisa de Pinto (2023), palavras e fotografias que contam, no contexto da pandemia, do desejo dessas profissionais em ser-estar com a natureza e ainda dos (im)possíveis contatos com o natural em casa e pelas janelas virtuais. E o trabalho de Ricardo Luis Silva⁴, um trapeiro que realiza coleções de coisas (Silva, 2019), mediante o caminhar pela cidade recolhendo desimportâncias cotidianas e elaborando livros. Ao se colocar como andarilho da cidade (re)encontra com elementos tantos, muitos deles apreendidos como ordinários do cotidiano, e que passam por um olhar poético a se constituírem através de fotografias em coleções diversas que nos provocam a tecer reflexões sobre o cotidiano e, certamente da relação humanidade-natureza.

E também, o trabalho apresentado por Guerra (2024) e Guerra e Morsenchio (2023) que ao dizer de adultos e crianças exploradores provoca a ideia de professores-professoras exploradores(as) que se configura como “[...] uma escolha que requer sustentar a curiosidade, as intuições, as perguntas, documentando seu nascimento e evolução, passo a passo, nos pensamentos e nas práticas” (Guerra; Morsenchio, 2023, p. 32). Uma exploração do natural que permite reunir fragmentos (fotografias e/ou pequenos objetos, como pedras, conchas, penas e outros) com cuidado e amorosidade, e, subseqüentemente, colecionar esses instantâneos⁵.

A proposição dos Diários da Natureza também foi inspirada no trabalho de Ostetto e Bernardes (2019, p. 168). As autoras, nas buscas por mapear os percursos de formação estética de estudantes dos cursos de Pedagogia e Arte, propõem o Diário de memórias e miudezas “[...] como suporte para abrigar narrativas textuais e imagéticas no decorrer dos encontros-ateliês”. Assim, ao retomarem que esse instrumental tem sido empregado na Educação e, sobretudo, na Educação Infantil, constituem-se documentação que permite a reflexão sobre as práticas exploradas/experimentadas, e aludem que:

[...] no caderno de registro é a linguagem escrita que prepondera, ainda que diferentes estilos ou gêneros textuais possam ser assumidos, a depender do seu autor. Ampliar olhares, alargar os sentidos da prática, assumir a dimensão reflexiva da ação docente, na direção da contínua (auto) formação, são contributos de tal dispositivo.

E ainda, como um exercício de síntese da proposta com o Diário de Natureza, retomamos as

4 No perfil da rede social Instagram, intitulado @por.onde.o.homem.anda é possível apreender o trabalho/livros de Ricardo Luis Silva.

5 No livro “Exercícios de olhar para encontrar o mundo”, de Monica Guerra, a autora apresenta fotografias desses achados naturais que constituem-se coleções.

palavras de Ostetto e Bernardes (2019, p. 169), posto que como as autoras também apreendemos esse enquanto uma

Espécie de caderno de memórias das coisas fugidias, o “diário de memórias e miudezas” foi proposto como suporte para abrigar coleções de ideias, imagens, fragmentos do viver, recolhidos do fundo da memória ou do chão do dia a dia, e que, por uma razão ou outra, foram considerados importantes para a pessoa, a ponto de trazê-los para seu diário, marcando-os e, quiçá, projetando-os em possibilidades de significados que ficam à espreita, como “um quarteirão de paredes nuas”, nem sempre conscientes. Por isso mesmo, prenhes de possibilidades para a reflexão e a amplificação de sentidos e aprendizagens. Pensando em registros que não fossem só pela escrita, mas que fossem um convite a rabiscos outros, entre o desenho, a colagem, a pintura, a fotografia, multiplicando-se as possibilidades de registrar, de dizer, tal diário projetou-se como um sítio para marcar não apenas reflexões e aprendizagens explícitas, mas, por ventura, experiências estéticas, com lastros de poéticas ao longo do percurso de cada participante, inscritos na memória. Compreendemos aqui que a memória.

Assim, com fotografias, escritos e fragmentos do natural os professores-professoras matriculados na disciplina foram (re)encontrando caminhos para produção de seus Diários de Natureza e manifestando suas concepções de Natureza, Meio Ambiente, Crianças, Professor(a), Educação, Formação, Educação Ambiental e outros. E são esses movimentos de criação que analisaremos em seguida.

Registrar-Criar na Formação de Professores(as): Algumas Reflexões

Registrar, escrever, criar, desenhar, motivar a prática do registro reflexivo das aulas e das experiências vividas durante o processo formativo de professores-professoras durante a disciplina do curso de Pós-graduação lato sensu foi o grande desafio vivenciado pelos docentes que ministraram as aulas, como promover o registro por meio da escrita e/ou de outra linguagem que pudesse revelar as reflexões sobre as aulas e também buscar, através de diferentes instrumentos de registro, narrar o encontro dos estudantes com a natureza no seu cotidiano.

Ainda vivemos a “soberania” da escrita como forma de registro em relação às outras linguagens, percebemos isso nas escolas quando as crianças são iniciadas no processo de alfabetização e o desenho é excluído enquanto possibilidade de expressão infantil. De acordo com Freinet (1977, p. 50)

Em virtude das práticas escolares, a criança acha-se, por volta dos quatro anos de idade, numa bifurcação que frequentemente pode perturbá-lo. Se, com a continuação, sente que se exprime melhor através da escrita do que através do desenho e, por conformismo, o meio a encoraja nesse sentido, pode acontecer que deixe completamente de desenhar por não experimentar qualquer necessidade de fazê-lo.

A afirmação de Freinet nos possibilita pensar que a escrita se consolida como a linguagem principal de expressão durante o período escolar da Educação Básica e ao ingressar na Universidade as outras linguagens, como o desenho, não foram estudadas e compreendidas pelos professores-professoras em formação como formas de expor sentimentos, ideias, emoções e opiniões.

Destacamos que, não estamos afirmando que a escrita não seja importante e que os sujeitos não devem saber escrever de forma organizada para se expressarem, mas sim, abordando a importância de possibilitar aos professores-professoras em formação, seja inicial ou continuada, a vivência de registrar seus processos formativos por meio de outras linguagens. Sempre é tempo de aprender! A Universidade é o espaço das culturas, da ciência e dos saberes produzidos pelas gerações anteriores e contemporâneas.

O saber na Universidade precisa contemplar quatro eixos: técnico, político, estético e ético, ambiental, portanto acreditamos ser extremamente necessários que os cursos de formação de professores-professoras façam o exercício de registros com diferentes linguagens, possibilitando a atividade criadora docente sobre seu processo formativo.

Melo (2021, p. 188) entende as linguagens como

formas de a criança estabelecer relações com alguém ou com algum elemento da natureza ou da cultura e, a partir daí, apropriar-se dessas produções humanas e da natureza. As linguagens estão em efervescência na infância e são responsáveis pelo processo de formação das qualidades humanas que, já sabemos, não são inatas, mas culturais e históricas.

Apreendemos do conceito de linguagem apresentado por Melo ao discutir as linguagens infantis e transportamos ele para o contexto da formação de professores, pois também corroboramos com a autora que a linguagem seja para os adultos uma forma de estabelecer relações com o outro e por meio dela apropriar-se das produções humanas e culturais. Quando expressamos ideias, pensamentos e sentimentos utilizamos das linguagens para exteriorizar ao outro aquilo que temos certeza de que sabemos “precisamos articular nossas experiências anteriores aos problemas que precisamos resolver” (Melo, 2021, p. 186), portanto, proporcionar aos professores-professoras em formação a vivência de utilizar diferentes linguagens é ensiná-los a se expressar através delas e ao mesmo tempo refletir sobre como e o que estão aprendendo.

Por isso que durante as aulas do módulo “Criança e natureza: viver e aprender em espaços externos”, propomos aos professores-professoras o exercício de criar um Diário de Natureza que revelasse a relação deles com a natureza, pedimos que fosse feito o exercício de utilizar diferentes linguagens e elementos para registrar os fatos cotidianos, como um ato criativo.

Segundo Soares (2022) a criação do novo é fruto da interação do sujeito com o meio em que está inserido, procedente do acúmulo de experiências e é desencadeada quando modificações inesperadas do meio e que ainda não foram vivenciadas pelo sujeito provocam nele a necessidade de combinar ou reelaborar o pensamento, os objetos, os sentimentos ou ações. Logo, a criação não é uma condição ou um dom pré-estabelecido do sujeito, mas, sim, uma atividade humana ligada à imaginação que o possibilita modificar e reinventar o meio a partir das experiências anteriores vividas.

Smolka (2009, p. 10) afirma que “é na trama social, com base no trabalho e nas ideias dos outros, nomeados ou anônimos, que se pode criar e produzir o novo. Não se cria do nada. A particularidade da criação no âmbito individual implica, sempre, um modo de apropriação e participação na cultura e na história”. Isso significa que os discentes quando convidados para criar seus diários partiriam dos processos vividos, das suas experiências pessoais, profissionais, culturais, e apresentariam em seus diários todo esse repertório estético e cultural que traziam.

Eram esses elementos pessoais que desejávamos que fossem revelados durante a produção dos diários. Permeados pelos fios do ordinário do cotidiano da vida, ansiamos por criações únicas, por escritas, desenhos, traços e formas que revelassem os registros dos professores-professoras em formação de forma singular e não padronizada. A relação com a natureza e seus elementos, seriam revelados nesse movimento de olhar para o entorno e perceber como ela afeta as atividades diárias e concomitantemente organizando os registros no diário.

Segundo Blanchot (2005, p. 273)

O interesse do diário é sua insignificância. Essa é sua inclinação, sua lei. Escrever cada dia, sob a garantia desse dia e para lembrá-lo a si mesmo, é uma maneira cômoda de escapar ao silêncio, como ao que há de extremo na fala. Cada dia nos diz alguma coisa. Cada dia anotado é um dia preservado. Dupla e vantajosa operação. Assim, vivemos duas vezes. Assim, protegemo-nos do esquecimento e do desespero de não ter nada a dizer.

Nesse viés, o diário possibilita esse exercício memorialístico de registrar os dias, nesse movimento vamos selecionando fatos, que são para nós importantes e/ou relevantes, seus registros são livres: uma foto, um desenho, um verso, uma folha, qualquer elemento que nos possibilite preservar o dia vivido. Assim, a proposta de criação dos diários almejava perceber o cotidiano, a natureza e suas relações diárias, mas também vivenciar novas possibilidades de registro, de documentar os saberes e fazeres construídos na disciplina e perceber que na escola, com as crianças, podemos transcender a barreira da escrita como forma única de expressar ideias, sentimentos e opiniões.

Segundo Freire (1996, p. 23),

mediados pelo registro deixamos nossa marca no mundo. Há muitos tipos de registro, em linguagens verbais e não verbais; todas, quando socializadas, historicizam a existência social do indivíduo. Mediados por nossos registros, reflexões, tecemos o processo de apropriação de nossa história, a nível individual e coletivo.

Nesse limiar, o registro não é somente uma ação pedagógica, mas também uma ação de formação de identidade, de memória e de documentação do trabalho do professor-professora em suas trajetórias de (re)formação, profissionalização e trabalho docente. A prática de registrar além de documentar a história individual e coletiva da comunidade escolar, no âmbito da sala de aula, oferece pistas aos professores-professoras sobre os processos de ensino e de aprendizagem mobilizados e as possibilidades de uma intervenção mais assertiva e segura, porque consciente e engajada.

Portanto, é necessário pensar em outras possibilidades de registrar-criar durante a formação de professores-professoras que não sejam somente os textos acadêmicos. Acreditamos na possibilidade de experimentar diferentes e variadas linguagens para a construção de registros dos processos de formação dos professores-professoras, principalmente daqueles que irão trabalhar com as crianças. Foi permeado desse movimento, que os discentes foram convidados a criar seus diários da natureza, os quais serão analisados nas próximas páginas.

Diários de Natureza: (Re)Pensando Movimentos de Formação de Professores(as) em Diálogo com a Natureza

“O diário está ligado à estranha convicção de que podemos nos observar e de que devemos nos conhecer” (Blanchot, 2005, p. 275).

A produção de um Diário revela trajetórias, guarda memórias e conserva, em algumas situações, fatos históricos revelando ao leitor o “eu” que o produz. Anne Frank, inicia seu diário confidenciando: “Espero contar tudo a você, como nunca pude contar a ninguém, e espero que você seja uma grande fonte de conforto e ajuda” (Frank, 2019, p.19). O diário é um caderno que guarda confidências e ao mesmo tempo vai revelando processos de construção da singularidade da pessoa que o escreve, esse foi um dos motivos que elegemos o Diário da Natureza como instrumento de avaliação das trajetórias experimentadas pelos professores-professoras em formação, pois acreditamos que para além do registro, esses sujeitos teriam a possibilidade de tecer conhecimentos sobre eles mesmos, se observarem e se conhecerem e assim irem refletindo sobre seus processos de aprendizagem sobre a docência.

No exercício de experimentar narrar as experiências cotidianas com a natureza os professores-

professoras em formação seguiram afirmando:

“[...] recebo a missão especial de elaborar um diário de natureza, uma experiência estética que irá me colocar em situação experimental ao mesmo tempo que observo a vida e o que há em torno” (Diário de Natureza).

“Ao receber a proposta de confeccionar o diário de natureza, fiz uma profunda reflexão e percebi que não mantinha um contato diário com o ambiente natural ao meu redor. Muitas vezes, não notava as árvores na rua da minha casa, o jardim da escola, as plantas que minha mãe cultivava e até mesmo o capim que brota entre as pedras do calçamento. Lembrei também que nem mesmo colhia erva para chá como costumava fazer. Além de me dedicar ao diário de natureza, que nos convida a observar o mundo natural, decidi que todos os dias pesquisaria sobre alguma árvore, erva ou flor. Assim, busco ampliar meu repertório e conhecer melhor o potencial incrível que a natureza tem a nos oferecer. Essa experiência tem se mostrado enriquecedora e me aproxima cada vez mais do ambiente ao meu redor” (Diário de Natureza).

Nesse limiar, os professores e as professoras apreendem a proposta de produção do Diário de Natureza como um convite à reflexão sobre o ordinário e extraordinário da vida. E nessa movimentação, reavivam o olhar e, mesmo, ampliam seu universo de significação quando retomam práticas já experimentadas - a citar, a coletas de erva para fazer um chá, e ainda conseguem trocar as lentes para ver-sentir o que já estava lá: *“as plantas que minha mãe cultivava e até mesmo o capim que brota entre as pedras do calçamento” (Diário de Natureza).*

O convite à produção tomou ares de provocação para alguns professores e professoras, afinal afirmavam que não possuíam contato com a natureza: *“Me questionei muito sobre como faria, o que exatamente escrever. Me senti muito deslocada na primeira aula, a natureza nunca foi o meu forte e não sei se um dia vai ser” (Diário de Natureza).* E assim, mediante inquietações - agruras e belezuras, professores-professoras seguiram o cotidiano experimentando a vida e apreendendo o seu sublime: o encontro com uma borboleta; a apreciação de um pôr-do-sol; o florescer dos ipês no Cerrado goiano; a realização de uma caminhada ao amanhecer que proporciona ver-sentir uma flor de Bougainville; a colheita de cajá no jardim/pomar de suas casas e outros.

“O meu vai e vem permite que os meus olhos vejam maravilhas! Sempre encanta-me adentrar Goiás e ver o pôr-do-sol no mirante” (Diário de Natureza).

Os professores e as professoras manifestam ainda nessa introdução dos movimentos de registro-criação memórias da infância. Em um dos Diários de Natureza a professora menciona:

“Quando criança morava no interior e essa relação era mais intensa, meus pais me levavam para passear em uma chácara de um conhecido da minha avó paterna, lá tinha um rio com uma pequena queda d’água e muitos animais. Quando mudamos para Goiânia foi sufocante, a casa era pequena e não tinha quintal” (Diário de Natureza).

Nesse viés, o processo de registro-criação permitiu aos professores-professoras em formação retomar o passado e buscar em instantâneos da infância a partilha, por vezes coletiva, com a natureza. E evidenciar que com a transcorrer da vida nos colocamos, por diferentes circunstâncias, afastados do mundo natural, sobremaneira nas grandes metrópoles. Retomando Louv (2016) podemos então constatar que crianças e professores-professoras apresentam déficit de natureza.

Vigotski (2009) observa que a atividade criadora humana somente é possível quando baseada em elementos da experiência anterior, o ato de criar, como afirmado anteriormente,

não é inato, a atividade de criar não parte do zero, ela é fruto da história individual e coletiva dos sujeitos, o produto criado é fruto das ideias, do trabalho, da cultura e do meio em que estamos inseridos, por isso que os diários revelam elementos do “hoje”, ou seja, daquele momento vivido e experimentado, mas, também de memórias e histórias já vividas.

Palavras, desenhos, fotografias e colagens com elementos da natureza constituíram-se instrumentais para dialogar sobre a natureza e sua (re)existência. As capas dos Diários de Natureza (Figura 1) evidenciam esse contato com materiais diversos e a vontade dos professores-professoras em formação em constituírem narrativas com o mundo natural, por vezes, até apresentando as coletas realizadas durante momentos em que se perceberam exploradores da Natureza. Instantes em que conseguiram ver ambientes naturais muito já experimentados com outros olhos/concepções, a citar espaços tantos da Cidade de Goiás, onde o curso ocorria, e que se encontram retomados em escritos-fotografias-desenhos.

Figura 1. Capas de alguns dos Diários de Natureza produzidos pelos professores-professoras matriculados na disciplina.



Fonte: Acervo dos autores.

Retomamos ainda, os diários que se (re)fizeram enquanto instrumento da natureza: diário-flor e diário-semente (Figura 2). Os professores e as professoras que os produziram ao se valerem da colagem de flores e sementes afirmaram retomar a natureza como instância central da vida e não como algo acessório, apenas utilitarista. No caso do diário-semente a professora-autora reafirmou seu desejo de espalhar por outros territórios a vida e ainda, palavras-afetos do sensível e afetivo que poderiam permitir a seus leitores(as) sentir com o corpo todo suas manifestações poéticas com a natureza e a docência.

Figura 2. Diário-flor e Diário-Semente produzido pelos professores e professoras.



Fonte: Acervo dos autores.

Nesse movimento, (re)afirmamos a sensibilidade, a amorosidade e a ludicidade enquanto elementos que configuram a identidade docente e, portanto, requerem ser apreendidos e problematizados crítico-reflexivamente nos territórios da formação de professores-professoras. E enquanto sujeitos inacabados, aludimos uma trajetória de aprendizagem que permite o risco. Afinal, como coloca Freire (2011, p. 68): “Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito.

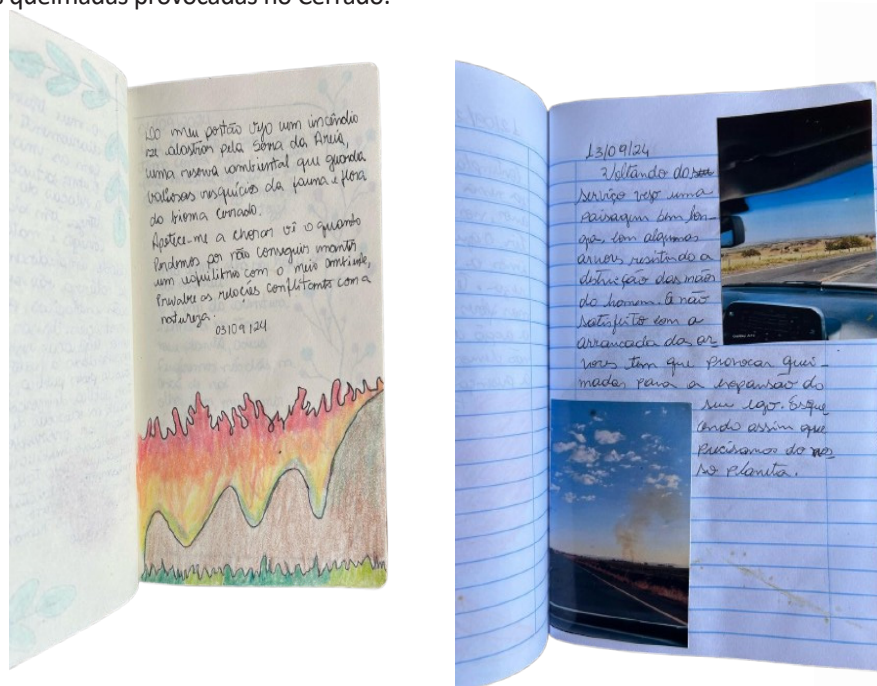
Professores e professoras enquanto exploradores(as) do mundo natural, vão então questionando a si, *outrem* e o mundo em seus escritos diarísticos. E reforçam que a curiosidade é uma exigência para ser-estar na docência, se (re)afirmando no mundo com uma postura dialógica, aberta, curiosa e engajada que assume o cotidiano com as crianças, jovens e adultos com o desejo da transformação social.

Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino. Exercer minha curiosidade de forma correta é um direito que tenho como gente e a que corresponde o dever de lutar por ele, o direito à curiosidade (Freire, 2011, p. 83).

Assim, podemos aludir a uma movimentação técnica, estética, ética e política e ambiental nos diários que conta das trajetórias e concepções sobre a Natureza e o Meio Ambiente por parte dos professores-professoras. Dessa maneira, por vezes apreendemos uma narrativa que reitera uma concepção de Natureza e Meio Ambiente alinhada à educação ambiental conservadora, em que a humanidade e a natureza estão afastadas, e, portanto não se percebem inter relacionadas, ou melhor, que somos natureza e ao falarmos dessas manifestações dialogamos sobre a vida.

Por outro lado, localizamos professores e professoras que se encontram caminhantes para uma apreensão da Natureza e Meio Ambiente imbricada a uma concepção ambiental crítica (Trivelato; Silva, 2011). E reportam em seus diários indícios do que pesquisadores do campo da Educação Ambiental chamam de crise ambiental. E assim, queimadas (Figura 3), calor intenso, animais mortos nas estradas, são então narrativas que compõem os escritos.

Figura 3. Trechos de Diários da Natureza onde professores e professoras registram o encontro com as queimadas provocadas no Cerrado.

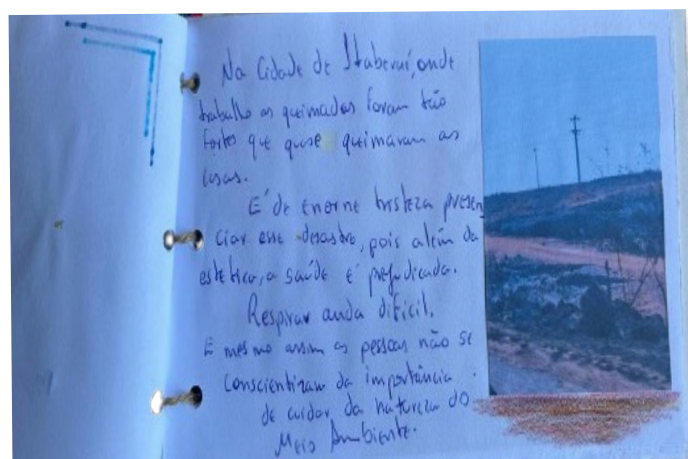


Fonte: Acervo dos autores.

E como um grito de socorro ecoa a relação direta - próxima e afetiva, com as queimadas: *“Na cidade de Itaberai onde trabalho as queimadas foram tão fortes que quase queimaram as casas”* (Diário de Natureza) (Figura 4). Essa manifestação conta da vida humana e seus percalços mediante a crise ambiental, aludindo à urgência pela constituição de sujeitos sociais engajados com manifestações ambientais. E aqui falamos em manifestação como ação de engajamento de um sujeito que ao se perceber no mundo inteiramente age no cotidiano pela luta ambiental.

E no caso de professores-professoras alinhados a essa luta esperamos uma prática pedagógica consciente e que permita a crianças, jovens e adultos (re)pensar a relação humanidade-natureza mediante processos de exploração da natureza, o que se (re)faz vivendo e criando com ela, mas também através de sua problematização e contextualização a partir de um conjunto alargado de estratégias metodológicas que permitam aos sujeitos o diálogo efetivo sobre temática como: justiça ambiental; desastres ambientais; consumismo; poluição e outros.

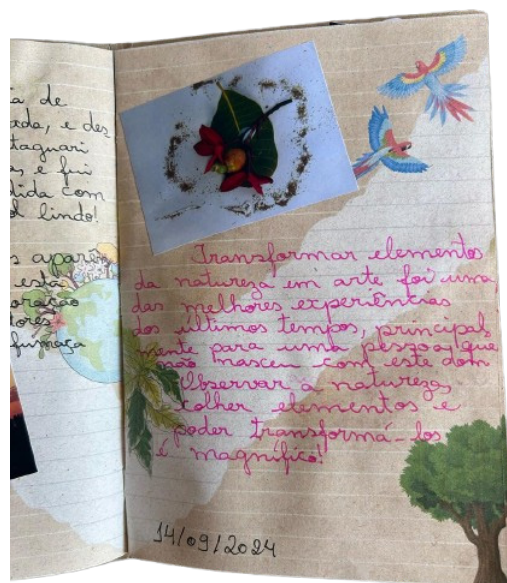
Figura 4. Trecho de Diário da Natureza onde professores-professoras falam sobre as queimadas em seu cotidiano.



Fonte: Acervo dos autores.

Nesse limiar, inferimos que os diários (re)afirmaram nosso desejo enquanto professores-professoras que caminham pela formação de professores-professoras de uma identidade docente que se alinhe à epistemologia da práxis. E, por sua vez, alude a uma identidade docente compromissada com uma dimensão técnica, estética, ética e política e ambiental, que (re)aviva professores e professoras na/para docência. Permitindo por intermédio de práticas intencionais e engajadas que os sujeitos sejam natureza, como no depoimento de uma das professoras em formação (Figura 5).

Figura 5. Trecho de Diário da Natureza.



Fonte: Acervo dos autores.

Assim, consideramos a urgência da virada epistemológica na formação de professores-professoras que já nos referimos no início deste texto. Uma reviravolta teórico-metodológica que se (re)faça, para crianças e sujeitos da docência

para encantar [...]. Para dar a elas a possibilidade de experimentar a maravilha, uma experiência da qual necessitam desesperadamente, hoje que a vida cotidiana foi despida de todos os milagres que épocas as mais religiosas sabiam compreender em toda parte e em tudo. [...] Porque em um mundo que não fosse cheio de maravilha, não valeria a pena crescer e viver (Bettelheim, 1990, p. 164).

Um compromisso científico e social que constitui a formação de professores-professoras e aponta caminhos que percorremos/percorreremos na busca pela educação de qualidade social e a consequente transformação dos indivíduos, na busca por serem mais. Há muito o que (re)fazer, mas não estamos sozinhos e os caminhos não são únicos, afinal como aponta Souza (2014, p. 232):

Sabemos que não existe caminho único, mas sim pluralidade de caminhos, que não se separam, mas que podem formar uma rede na qual nos envolvemos, que nossas perplexidades não encontram respostas que são certezas, mas que estamos movidos pela busca, orientados pelo sonho de sermos e de ajudarmos as novas gerações a serem mais íntegros, mais críticos, mais criativos, mais sensíveis, mais solidários.

Por fim, ressaltamos o processo de confecção dos diários como atos criativos. Para Vigotski (2009, p. 35) “toda atividade de imaginação tem sempre uma história muito extensa. O que denominamos de criação costuma ser apenas o ato catastrófico do parto que ocorre como resultado de um longo período de gestação e desenvolvimento do feto”, ou seja, o produto final da criação, neste caso os diários da natureza, é somente o resultado do processo de imaginação criativa que resultou na produção final.

Ademais, os registros produzidos pelos professores-professoras em formação constituirão acervo pedagógico e histórico de um tempo, marcando as práticas dos professores-professoras formadores(as) e o ideário pedagógico dos envolvidos com a formação no curso de Pós-Graduação *lato sensu* em Práticas Pedagógicas na Educação Básica.

Considerações Finais

A caminhada que empreendemos enquanto professor-professora que atua na formação inicial e continuada de professores-professoras, na busca pela materialização, de saber-fazer a docência que se configure práxis, é uma jornada árdua, mas de muita satisfação. E nesse limiar, práticas como os Diários da Natureza nos permitem duplo exercício formativo: 1) a (re)configuração do ideário pedagógico e ambiental dos sujeitos em formação inicial e/ou continuada e 2) a reflexão acerca da prática pedagógica que buscamos vivificar que nos permite também novos e oportunos aprendizados/formações sobre a docência.

Portanto, inferimos que muito apreendemos a docência com o convite ao registro que fizemos aos professores-professoras matriculados na disciplina de “Criança e natureza: viver e aprender em espaços externos”, do curso de Especialização em “Práticas Pedagógicas na Educação Básica” (EPPEB), ofertado pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Câmpus Goiás. E que as análises que apresentamos, embora iniciais, porque nós dedicamos a fragmentos e não a inteireza dos Diários da Natureza, podem indicar um rumo outro a ser seguido e apreendido para (re)fazer a aula na Graduação e na Pós-Graduação, instaurando movimento que permitam a reflexão crítica e ativa dos sujeitos. E seja manifesto de uma docência que se constitui como pesquisa.

Assim, a prática pedagógica engajada que reportamos neste texto se (re)afirma mediante seu compromisso científico e social para com o campo da Educação e da Formação de professores-professoras. E ao instaurar uma pedagogia da autonomia no *tempoespaço* da formação inicial e continuada de professores-professoras faz ecoar também uma pedagogia da esperança: entre o real e o ideal, o possível! Uma possibilidade que é f(r)esta: sensibilidade (poesia e alegria), amorosidade, criatividade e inovação.

Os diários da natureza revelaram instrumentos de registros potentes sobre a trajetória pessoal e formativa dos professores-professoras, pois permitiram a eles a escrever, desenhar, colar, fotografar e captar a natureza ao seu redor a partir de diferentes linguagens em um movimento de criação e de interação com meio em que estavam inseridos. Foi combinando elementos naturais, memórias e objetos que os sujeitos criaram seus diários e eternizaram naquelas páginas *a vida*!

Referências

BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. G. S. **Projetos pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BETTELHEIM, B. **La vienna di Freud**. Milão: Feltrinelli, 1990.

BLANCHOT, M. O diário íntimo e a narrativa. In: BLANCHOT, M. **O livro por vir**. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 270-278.

CARSON, R. **Primavera silenciosa**. São Paulo: Gaia, 2010.

CIDADE DE GOIÁS. Universidade Federal de Goiás, Câmpus Goiás. **Projeto Pedagógico do Curso de**

Especialização em Práticas Pedagógicas na Educação Básica (EPPEB - UAECH - UFG), 2023.

FRANK, A. **O diário de Anne Frank**. 82ª ed. Rio de Janeiro - São Paulo: Editora Record, 2019.

FREINET, C. **O método natural II: a aprendizagem do desenho**. Lisboa: Estampa, 1977.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Saúde, água, energia, ambiente e trabalho: tecendo saberes na promoção de territórios sustentáveis e saudáveis**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2024.

GUERRA, M. **Exercícios de olhar para encontrar o mundo**. São Paulo: Diálogos, 2024.

GUERRA, M.; MORSENCIO, V. Crianças e adultos exploradores. In: GUERRA, M. **Por uma educação ecológica**. Revista Bambini, 2023.

LOUV, R. **A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza**. São Paulo: Aquariana, 2016.

MAGALHÃES, S. M. O. A epistemologia da práxis como base do ensino criativo, colaborativo e inovador. **Tecnia**, v. 4, n. 1, p. 65-90, 2019.

MAGALHÃES, S. M. O.; SOUZA, R. C. C. R. Análise epistemológica do método. In: MAGALHÃES, S. M. O.; SOUZA, R. C. C. R. (orgs.). **Epistemologia da práxis e epistemologia da prática: repercussões na produção de conhecimentos sobre professores**. Campinas: Mercado de Letras, 2018.

NIGRIS, E. A “didática da maravilha”: um novo paradigma epistemológico. In: GOBBI, M. A.; PINAZZA, M. A. (Orgs.). **Infância e suas linguagens**. São Paulo: Cortez, 2014.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 4ª ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2012.

OLIVEIRA-NETO, J. F. **Práxis docente: as tramas que envolvem o saber-fazer dos professores universitários de Licenciatura em Ciências Biológicas**. 2020. 255 f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências e Matemática) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/258c6379-53be-43f8-ab76-9a917238ddac>>.

OSTETTO, L. E.; BERNARDES, R. K. Infâncias em diários de formação estética: narrativas de estudantes de pedagogia e de arte. **Revista @ambienteeducação**, v. 12, n. 2, p. 164-180, 2019.

PINTO, A. L. **Professoras, crianças e natureza: narrativas docentes da/na pandemia**. 2023. 139f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói (RJ), 2023. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/32529/PROFESSORAS%2c%20CRIAN%2c%20E%20NATUREZA_%20%20NARRATIVAS%20DOCENTES%20DA_NA%20PANDEMIA%20-%20Disserta%2c%20a7%2c%20a3o%20Amanda%20Lobosco.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

REIGOTA, M. **Meio ambiente e representação social**. São Paulo: Cortez, 1995.

RIOS, T. A. **Compreender e ensinar: por uma docência de melhor qualidade**. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, K. A. C. P. C. **Epistemologia da práxis na formação de professores: perspectiva crítico-emancipadora**. Campinas: Mercado das Letras, 2019.

SILVA, R. L. **Recolhendo resíduos: a caixa de trapos como procedimento de leitura da cidade**. Anais do 9º Projetar - Arquitetura e Cidade: privilégios, conflitos e possibilidades, Curitiba, 2029.

SIQUEIRA, I. S.; RAPOSO, E. O.; FREITAS, N. M. S. Barragens de rejeitos: desvelando perturbações socioambientais da atividade mineradora - mediações de um estudo de caso no ensino. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, v. 17, n. 2, p. 810-835, 2024.

SMOLKA, A. L. Apresentação: A atividade criadora do homem: a trama e o drama. In: Vigotski, L.V. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico: livro para professores. São Paulo: Ática, 2009, p. 7-10.

SOARES, R. P. **O professor, a criança e a escrita**: um caminho metodológico. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

SOUZA, R. C. C. R. Novos paradigmas na educação. In: SOUZA, R. C. C. R.; MAGALHÃES, S. M. O. **Poiésis e Práxis II**: formação, profissionalização e práticas pedagógicas. 2ª ed. Goiânia: Ed. América; Ifiteg, 2014.

TRIVELATO, S. F.; SILVA, R. L. F. **Ensino de Ciências**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico: livro para professores. Apresentação e comentários Ana Luiza Smolka. Tradução Zóia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

WARSCHAUER, C. **A roda e o registro**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

ZAMBONI, A. **Tempo de colher flores**. São Paulo: Edições SM, 2023.

Recebido em 10 de março de 2025

Aceito em 13 de maio de 2025

